

## A PROPÓSITO DA BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE PERNAMBUCO

Waldemar Valente

Pretendo prestar um depoimento pessoal, numa constante apelação à memória, o mais possível policiada por fidedigna documentação, evocando acontecimentos e episódios, ocorridos nos bastidores da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, hoje, Presidente Castelo Branco, entre freqüentadores-estudiosos, pesquisadores ou apenas visitantes – que participavam da intimidade do gabinete da Diretoria, sede de bate-papos, discussões, debates, diálogos, tertúlias ou seminários informais, de ordem literária, científica ou artística. Às vezes, de debates, de tendências ideológicas, políticas ou religiosas. No prédio da Rua do Imperador, que freqüentei com assiduidade, não havendo, a rigor, um gabinete para a Diretoria, que funcionava nos fundos do andar térreo, sem divisórias, no meio de estantes, livros, mesas e birôs, episódios pitorescos, às vezes, um tanto drâmáticos, em algumas ocasiões, ao mesmo tempo dramáticos e pitorescos, eram sempre provocados pela discordância de pontos de vista, nos campos da literatura, das artes, da filosofia ou da ciência. Começando com a discussão cordial, os ânimos se acalorando, chegando em certos momentos às raias da exaltação. Era a troca de idéias, em tom polêmico, indo da boa educação à grosseria, mas em todos os casos, o motivo, a causa e a própria finalidade centralizados no afã de chegar ao esclarecimento ou confirmação de pensamentos e pontos de vista. Na verdade, o que a máquina da memória, fielmente, seria capaz de focar, era um retrato, sem retoques, da natureza humana, em suas variadas e complicadas manifestações. Mesmo sendo esta natureza impregnada de inteligência, de saber, de cultura, de talento, de gênio.

É também meu propósito ressaltar o esforço empreendido pela Direção da Biblioteca no sentido de engrandecê-la por meio de iniciativas e realizações culturais.

Na qualidade de velho conhecido, amigo e admirador desta Biblioteca, que sempre considerei excelente Instituição de Cultura, agindo com seriedade e merecendo respeito, desejo falar um pouco sobre sua vida, contando o que pude observar, vendo e ouvindo, baseado, essencialmente na memória audiovisual, tecendo comentários sobre pessoas e ocorrências ligadas à Instituição. Embora minha intenção seja animada de objetividade, talvez tais comentários não escapem da força subjetiva. Pessoas de relevante significação intelectual e fatos que tiveram repercussão na vida literária, artística e científica, não apenas local, mas regionalmente nordestina e mesmo nacionalmente brasileira, são recordados. Sem a pretensão, contudo, de ser completo ou acurado, conforme a ênfase que ao termo dá o conservador inglês, falado na Inglaterra. É possível que as mesmas coisas possam ser analisadas e interpretadas por outros, sob prismas diferentes. Cada qual tem a sua verdade. Eu também tenho a minha. Verdades, a minha e a dos outros, sujeitas a alterações, numa mais ampla visualização, com novos critérios de investigação e achegas documentais, ainda desconhecidas. As verdades, de modo geral, não são eternas. Como tais, sendo possível admitir as religiosas e as artísticas. As primeiras, porque são dogmáticas. Sendo sobrenaturais e divinas, não permitem comprovação, de acordo com leis naturais. A fé, com força heurística, lhes confere a intocabilidade da certeza. As segundas, porque resistem às mudanças em métodos de estudo e indagação, em critérios de análises e interpretação. Mudam os gêneros, mudam as mentalidades e o próprio *ethos* dos grupos sociais. Todavia, as obras de arte, que expressam mensagens inspiradas no gênio criador, não perdem sua beleza, seu encanto, seu fascínio, seu incomparável poder de comunicação. São imperecíveis eternas. Sempre atuais e admiradas como se tivessem sido executadas pelos mais modernos e geniais artistas. É o que acontece, por exemplo, com os modelos de arte de um Miguel Ângelo, criador dos maravilhosos afrescos da Capela Sistina e das admiráveis estátuas de David, Moisés e "Pietà". De um Cervantes, com o seu *Dom Quixote de La Mancha*. De um Dante, com sua *Divina Comédia*. De um Shakespeare, com *Otelo*, *Romeu e Julieta*, *Rei Lear*, *Hamlet*, e tantas outras peças de teatro, refletindo aspectos da vida e do caráter humanos. De um Camões, com o seu *Lusíadas*, o máximo poema épico da língua portuguesa. Todos representantes maiores da literatura universal renascentista. A mesma coisa se aplicando aos artistas que, anonimamente, trabalharam, no bronze, as bem caprichadas estátuas africanas, em tamanho natural, de Benin, ou criaram os monumentais e inexcusáveis estílos arquitetônicos da antiguidade grega e romana. Ou aos geniais escultores das maravilhosas e gigantescas estátuas de pedra da misteriosa ilha de Páscoa. Outra circunstância, falar sobre uma biblioteca, ela própria constituindo o tema central, embora consentindo versões de livre es-

colha. Recordo conferência de Gilberto Freyre, "A propósito de Dom Pedro", lida na Biblioteca do Estado de Pernambuco, em dezembro de 1925, ao tempo da breve, mas fecunda administração de Manuel Humberto Carneiro da Cunha, no Governo Sérgio Loreto, 1. Gilberto Freyre, em plena juventude – 25 anos de idade – recém-chegado dos Estados Unidos e da Europa, prestes a assumir a Chefia de Gabinete do Governo Estácio Coimbra, autor de tese de doutoramento, escrita em inglês, defendida na Universidade de Colúmbia: *Social Life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century* 2. Tese que foi o ponto de partida de *Casa-Grande & Senzala*, à qual se associaram dois ensaios publicados no *Livro Comemorativo do Centenário do Diário* 3. Para o desenvolvimento em livro, que se tomou, em pouco tempo, alvo das atenções dos grandes centros universitários e culturais do mundo, deve ter concorrido o conselho de um dos maiores críticos norte-americanos: Henry Mencken. Inacadêmico e até antiacadêmico, mas, sem dúvida, uma das mais fortes e geniais personalidades de escritor e de crítico de seu tempo. Que o autor de *Prejuízos* e de *The American Language* 4. Com seu conselho ou sugestão, deve ter influído na explosão de *Casa-Grande & Senzala* 5, creio não haver dúvida. É o próprio Gilberto quem o diz no Prefácio à 1ª edição, 1933, repetindo-se nas seguintes.

Sempre tive aos livros exagerado apego. Sempre os considerei meus melhores amigos. Os mais sinceros. Os mais fiéis. Amigos mudos, mas que atuam com mais força, com mais poder de persuasão e de convencimento que muita gente de carne e osso viva e falante. A gente conversa com eles, discute, dialoga, debate, mas não briga, mesmo que nosso pensamento seja discordante. Eles ouvem nossas críticas, silenciosamente, sem alteração, sem revolta e, sobretudo, sem vaidades e sem arrogâncias. Críticas feitas, às vezes, em forma de anotações, nas margens ou nos pés de página. Esses discretos amigos, despreziosamente, sem alaridos, sem voz alta, sem gestos ou atitudes professorais de indifereçada superioridade intelectual, com humildade até, na quietude das salas de consulta ou dos gabinetes de estudo, muito nos ensinam. A eles não cabe a carapuça habilmente confeccionada por Lopes Gama 6, nem as censuras de Matias Aires 7. O primeiro, na primeira metade do século dezenove, o segundo, nos meados do século dezoito. No meio de livros, que sempre ameji, em conversas que tanto me esclarecem, sinto-me à vontade, sem inibições e sem constrangimento. É o que acontece, por exemplo, quando estou entre meus livros, muitos deles possuindo uma história íntima, repleta de fascinantes particularidades, exigindo a presença de lúcidos biógrafos. Quando algum deles desaparece do meu convívio, sob pretexto de rápidas saídas, transformadas em fugas definitivas, sofro como se tivesse minhas carnes dilaceradas – estas minhas poucas carnes – senão minha própria alma.

Falar sobre a Biblioteca Pública, em tom desprezioso, despreocupadamente, é recompor um passado, sem dúvida longo, de aproximações e contactos com essa importante Instituição de Cultura, de mim

sempre merecendo acatamento, respeito e admiração. Penso não estar mentindo: em sã consciência é quase falar sobre mim mesmo. Daí, algumas digressões, aparentemente inoportunas, mas, em verdade, pertinentes, porque se referem a fatos e pessoas ligados à *Biblioteca*, deles participando, como testemunha, companheiro ou amigo.

Sem levar em conta eventuais consultas de livros didáticos, no tempo de secundarista e mesmo quando acadêmico de Farmácia ou Medicina, consultando a Biblioteca Ribeiro de Brito, às vezes, derivava da rigidez das ciências biológicas para entregar-me à leitura de livros de ficção científica, como os de Júlio Verne, ou dos romances de Eça de Queirós, de Alexandre Herculano, de Camilo Castelo Branco, de Ramalho Ortigão, de Abel Botelho, este se inspirando em desajustamentos, compondo o que ele próprio chamara de *Patologia Social*. Também, de Adolfo Caminha, de Machado de Assis, de Carneiro Vilela e de tantos outros, não esquecendo as poesias de Casimiro de Abreu, Castro Alves §, Tonela Júnior, Augusto dos Anjos, Goncalves Dias e Olavo Bilac. Autores lusos e autores brasileiros, unificados pela força comunicativa da língua portuguesa. Livros de filosofia pessimista, que atuavam, negativamente, na formação do menino que se fazia adolescente, não devem ser esquecidos dentre tais livros, principalmente: *Dores do Mundo*, do famoso filósofo alemão Schopenhauer<sup>9</sup> e *Palavras Cínicas* do escritor português Albino Forjaz Sampaio<sup>10</sup>. Neste rol, deve ser incluído *Ibis*, do espanhol Vargas Vila. Também, a *Catedral* de Blasco Ibanez. Todos eles marcando etapas episódicas em minha vida de estudante. Contudo, os verdadeiros e mais fortes vínculos com a Biblioteca Pública de Pernambuco, começaram em fins de 1929, ainda na adolescência, preparando-me para o concurso de livre-docência de Inglês, no Ginásio Pernambucano. Com cerca de 20 anos, um enamorado da literatura inglesa – em suas três procedências: a Britânica, a Norte-Americana e a Índia – entusiasmado também com o idioma, tendo em Aníbal Bruno, meu vizinho na Rua da Glória e meu amigo, um mentor e um grande animador<sup>11</sup>

Foi incentivado por Aníbal Bruno, sobretudo depois de assistir ao excelente concurso a que se submeteu no Ginásio, em 1929, merecendo distinção, que, atrevidamente, decidi candidatar-me à docência-livre de Inglês, dispondo-me a enfrentar, com a tese *O artigo definido THE*, a erudita comissão examinadora, da qual faziam parte os catedráticos Padre Jonas Taurino de Andrade, Aníbal Fernandes, Francisco Cabral de Melo, Padre Batista Cabral e José Correia de Oliveira, respectivamente, de Inglês, Francês, Português e Alemão. Foi, ainda, Aníbal Bruno, com aquele tino de farejador de livros, com aquele saber diversificado, humanisticamente equilibrado, senhor da teoria e da prática dos concursos, que me indicou a Biblioteca Pública, ao tempo funcionando no pavimento superior do prédio do Tesouro, na Praça da República, no local onde hoje se ergue o edifício da Secretaria da Fazenda. Não só isto, particularizando: “consulte a biblioteca que pertenceu a França Pereira” – que fôra meu

professor no Ginásio Oswaldo Cruz, então dirigido pelo Dr. Orlando Anselmo de Aguiar – “arrumada em estantes separadas, com catálogo à parte, rica em livros de lingüística e, em especial, de língua e literatura inglesa”. Obedecendo à orientação do experimentado mestre, bati às portas da Biblioteca Pública, mal podendo imaginar que, daí por diante, torna-me-ia um dos seus mais assíduos freqüentadores. A boa disposição e a competência dos seus principais funcionários, convindo destacar o Diretor, Dr. Humberto Carneiro, já nos fins de sua gestão, assessorado pelo secretário Dr. João Eustáquio Pereira, mais conhecido pelo pseudônimo literário de Dr. Faneca, pondo-me à vontade, foram para mim, jovem tateante e tímido, da maior importância.

Tudo foi facilitado, inclusive os livros que mais deviam servir-me na Biblioteca França Pereira, apontados pelo Dr. Faneca, que ficou diretamente, de maneira amistosa e cordial, dando-me as informações que necessitava. Entre elas, como deveria consultar o catálogo. Nesta oportunidade, reencontrei um dos meus melhores colegas do Ginásio Pernambucano, trabalhando, ao que parece, como auxiliar. Este colega, mais do que colega, excelente amigo, foi Olímpio Costa Júnior. Costinha, como era chamado na intimidade, pelos amigos. Este Costinha que serviu à Biblioteca Pública durante 50 anos, dela fazendo não um emprego que justificasse o ordenado no fim do mês, mas um ofício, uma ocupação produtiva para o desenvolvimento cultural de Pernambuco. Mais do que isto: um apostolado e um sacerdócio. À Biblioteca dando a inteligência. A erudição. A cultura. A paciência. A competência de bibliotecário *self-made*, com o “saber de experiência feito”. O interesse em servir aos que dela se aproximavam à cata de ensinamentos. Deu-lhe o que havia de mais importante em sua vida: a saúde. O zelo, o carinho e amor que dedicou aos livros raros, coleções de jomais antigos e documentos manuscritos. Para mim, foi uma alegria reencontrar-me com o antigo colega e sempre amigo. Contando-lhe a história de minha vida, dando aulas em colégios, estudando Medicina, com preocupação de ajudar em casa, era para mim grande sacrifício ir, toda noite, à Biblioteca, consultar livros e fazer anotações. Sem que chegasse a perguntar, veio a resposta imediata “Waldemar, você merece minha confiança, escolha os livros e, sob minha responsabilidade, poderá levá-los por empréstimo”. Olímpio nunca foi homem de permitir ilegalidades. Particularmente, atentando contra o patrimônio cultural, representado pelo acervo da Biblioteca, de que era um dos guardiões. O regulamento ou regimento permitia, em condições especiais e a pessoas idôneas, o empréstimo de livros. Mesmo assim, o empréstimo constituindo fato esporádico. Ele confiou no amigo. Responsabilizou-se por ele. Graças a Deus, não ficou decepcionado. Os livros voltaram para as estantes de França Pereira.

Infelizmente, feita a inscrição de meu concurso no dia 3 de outubro de 1930, à meia-noite rompeu a Revolução, que saiu vitoriosa, seguindo-se uma fase de desorganização ou de reajustamento, não apenas político, mas administrativo. Um período de muitos meses, durante o qual,

mudanças, algumas violentas e radicais, se operaram. No campo do Ensino, uma delas: a extinção da Docência-Livre. Deste modo, estava o concurso implicitamente cancelado. Todo o esforço perdido. Tempo, trabalho, saúde e dinheiro, despendidos na elaboração e na impressão da tese. Impetrei ação judiciária contra o Governo, por meio de mandado de segurança, uma vez que se tratava de direito líquido e certo. Abrindo o concurso, por meio de edital publicado no *Diário do Estado* e em outros jornais, estava o Governo assumindo sério compromisso com os candidatos inscritos. Tudo de água abaixo. Nenhuma resposta. Nenhuma explicação. Lei e justiça viraram, por muito tempo, letra morta. O remédio era a conformação.

Olimpio Costa Júnior, sem dúvida, o funcionário que passou mais tempo na Biblioteca Pública – 50 anos, como Diretor, demorando quase 30 – ingressou nesta repartição, no dia 04 de outubro de 1922, no Governo de Severino Pinheiro, que criara o cargo de Auxiliar, forçado pelos correligionários políticos, beneficiando apadrinhados.

Olimpio Costa Júnior, sem dúvida, o funcionário que passou mais tempo na Biblioteca Pública – 50 anos, como Diretor, demorando quase 30 – ingressou nesta repartição, no dia 04 de outubro de 1922, no Governo de Severino Pinheiro, que criara o cargo de Auxiliar, forçado pelos correligionários políticos, beneficiando apadrinhados. Nesta onda, navegaram Olimpio Costa Júnior e Jorge Cahu, que fizeram concurso, não contando com “pistolões”. Jorge Cahu, que se tornou grande mestre de História. Irreverente e anticlerical, autêntico em suas opiniões, justo no julgamento das provas, embora cordial e brincalhão, impondo respeito pelo saber e força moral. Acabou sendo um dos meus melhores amigos. É figura esquecida, à espera de um biógrafo. A esta Biblioteca, recorrendo para escrever não apenas excelente livro didático, mas várias teses para livre-docência e catedrático de História Universal e do Brasil.<sup>12</sup>

Assumindo, vez por outra, o lugar de secretário, em 1932, com a designação de José Maria Carneiro de Albuquerque Melo para diretor do Museu do Estado, quase ao mesmo tempo ficando à frente de uma secretaria do Governo, substituiu-o Olimpio Costa Júnior, interinamente, tanto na direção da Biblioteca, como na do Museu do Estado. Foram quatro anos de serviços prestados a duas grandes Instituições culturais. Duas instituições, por suas finalidades, por suas diretrizes e programas de ordem cultural, intimamente relacionadas. Só com muito gosto de servir, muita perseverança, sempre de crédito aberto para as promessas dos governos e dos políticos partidários, era possível manter Instituições de ensino e cultura, quase sem verbas. Verbas estritamente necessárias para a própria conservação dos acervos existentes. Verbas que deviam existir para a aquisição de livros e equipamentos de modo a manter a Biblioteca atualizada e o Museu com suas coleções acrescidas e peças adequadamente catalogadas, com incessantes exposições rotativas, de fins educacionais.

Antes de entrar na Biblioteca Pública, o que equivale dizer, antes de 1922, esteve Costinha trabalhando no Arquivo da Repartição de Obras

Públicas. Um departamento de órgão técnico com função cultural, se bem dirigido e bem utilizado. Lá encontrou mapas e plantas do Recife Antigo, prontos para a incineração. Mostrou aos chefes que eram documentos importantes, que precisavam ser preservados. Foi ridicularizado. Diante do obstinado propósito, Olímpio conseguiu permissão para poupá-los, ficando em seu poder, sob sua guarda pessoal. Embora, em mãos particulares, estavam salvos documentos de importância para a História de Pernambuco.

Desgraçadamente, a cheia catastrófica de 1975, inundando a casa de Olímpio, na Rua Teles Júnior, nº 493, na voracidade irrefreável de suas águas, devastou preciosa biblioteca de 8000 volumes, fora documentos, entre os quais, mapas e plantas, por ele cuidadosamente guardados. O único mapa que conseguiu salvar da devastação, representando o Recife das últimas décadas do século XIX, depois de caprichosamente entelado pelo técnico em encadernação e proteção de livros e documentos, Jorge de Freitas Lemos, foi presenteado a amigo, dedicado ao estudo da História do Recife, que o conserva com cuidado e carinho. Desastre pior aconteceu: originais inéditos, que tive, antes de 1975, o privilégio de ver e folhear, foram destruídos, e irreversivelmente, ou arrastados pela enxurrada. Originais dos seguintes livros: *Dicionário Bio-Bibliográfico Pernambucano*, *Dicionário Bibliográfico de Pernambuco* e *Efemérides Pernambucanas*, além de um *Plano* para destacar o que de importante, sobre aspectos da cultura, tanto material, como espiritual e social do Recife, havia na *Genealogia Pernambucana*, de Borges da Fonseca. Aspectos políticos, artísticos, militares, sociais, jurídicos, econômicos, religiosos e científicos, com ênfase na Medicina. Causa admiração que dados de incontestável valor documental para a reconstituição cultural de Pernambuco tenham escapado à atilada observação do historiador e cronista F. A. Pereira da Costa, sempre tão atento a tudo que dizia respeito ao passado pernambucano.<sup>13</sup>

Só os que se dedicam a livros, não apenas como estudiosos, mas bibliófilos, estimando-os, resguardando-os cuidadosamente, com ciúmes de gente que, um tanto morbidamente se consagre às coisas e pessoas amadas, capazes de compreender a dor, o sofrimento, o desalento e o desespero pela impossibilidade de defesa ante a força do indomável cataclismo, tudo destruindo, irremediavelmente. Só os que viveram tal situação dramática poderão avaliar o quanto ela significa em termos sentimentais. Olímpio ficou arrasado. Sua saúde abalada. Mesmo assim, mostrou-se um forte. Um resistente. Um homem de espírito forjado na melhor têmpera.

Não sendo um técnico em biblioteconomia, a sua longa experiência com livros, como simples Auxiliar, depois Secretário e durante 30 anos na condição de Diretor, sabendo tudo sobre documentos, conhecendo o lugar exato de cada um, obedecendo à classificação, não técnica, mas praticamente orientada para a consulta, capaz de contar a história de cada livro e de cada documento, bem que lhe caberia, na especialida-

de, o título honorífico de Doutor. Sobretudo, levando em consideração, o tempo em que viveu na Biblioteca, em sua maior parte, sem os subsídios dos atuais ensinamentos biblioteconômicos. Foi um improvisado. Um autodidata. Mas, numa época em que não havia ainda cursos universitários especializados, inteligentemente sabendo aproveitar sua improvisação e seu autodidatismo. Tenho certeza de que, sem discrepância, todos reconhecem o que ele deu de si à Biblioteca que tanto amou.

Grande emotivo, como sempre foi, sensibilizando-se facilmente, ao conversar sobre assuntos ligados à vida que levou na Biblioteca, admiro sua resistência, sua conformação. Uma conformação ungida de santidade. O que é de estarrecer: de cabeça erguida e altivamente, vivendo com modéstia em sóbria casa que, nos bons tempos, conseguiu construir, recebendo até poucos anos, como aposentado, salário mensal de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros). Não é fora de propósito lembrar: depois de 50 anos de trabalho em favor da inteligência e da cultura em Pernambuco.

Quando José Domingues esteve como Interventor Federal de Pernambuco, se não estou enganado, por meio de Célio Meira, então Chefe de Gabinete – outro grande amigo e freqüentador da Biblioteca Pública – tomando conhecimento do miserável ordenado que o Diretor de tão importante órgão de cultura recebia mensalmente, endereçou mensagem à Câmara, solicitando atualização de salário, com aprovação unânime de seus pares. Depois da saída de José Domingues, que permaneceu pouco tempo no Governo, tudo voltou à estaca zero.

Gozando da estima dos efetivos pesquisadores e amigos da biblioteca, trabalhava Costinha, em busca de dados e informes, inclusive tirando fotos, para com eles colaborar. Na Diretoria, que ficava nos fundos do andar térreo do prédio, da Rua do Imperador, onde hoje funciona o Arquivo Público Estadual, conversava Costinha com os pesquisadores mais assíduos. Em consultas mais rápidas, preferia eu o salão do primeiro andar, freqüentado pelo grande público: leitores de jomais, estudantes de vários níveis ou pessoas interessadas na leitura de romances e em vários ramos de conhecimentos. Af, era atendido, com presteza e competência, principalmente por dois admiráveis funcionários: Jovina Pereira da Costa, filha do Dr. Faneca e esposa de Costinha, mais conhecido pelo afetuoso apelido de Bijou, e Francisco Caheté. Duas incomparáveis figuras de funcionários, não burocraticamente emperrados, sem vontade de servir. Mas, ativos dinâmicos, gostando do trabalho que realizavam, lidando com livros, conhecendo-os em seus mais significativos pormenores. Ambos, Caheté e Bijou, prestativos e eficientes na atividade a que se dedicaram. Com que atenção, delicadeza, fidalguia, sem distinção de classe social, nem discriminação de ordem econômica, sem preferência pela importância política, costumavam atender aos consulentes, tentando resolver problemas, dificuldades, falta de experiência no lidar com livros. Muitos deles, sequer sabendo ao certo o que queriam. Sem condições para consultar fichários. Desconhecendo o nome dos livros ou dos autores. Tais pro-

blemas e dificuldades, Bijou, a dedicada, não apenas esposa, mas companheira de trabalho de Olímpio, procurava solucionar. Às vezes, recorrendo ao auxílio do marido, para quem a biblioteca não tinha mistério nem segredos. Caheté era bibliófilo, além de bibliotecário, serenamente, subindo e descendo o antiquado – embora, excelente, para os claustróforos, como eu – elevador, de grades abertas, com a melhor boa vontade, nos últimos tempos, idoso e doente, arrastando os pés, para trazer livros ou guardá-los. Ambos merecendo, pela maneira correta, corajosa e incansável com que se entregavam à edificante atividade de divulgar conhecimentos e propagar cultura, através de livros, minha modesta, embora sincera homenagem. Homenagem que estendo a todos que trabalhavam e aos que ainda trabalham na Biblioteca. Os antigos e os novos funcionários. Os que saíram e os que ficaram. Aqui não se devendo esquecer os humildes serventes, sempre de grande importância na tarefa de atender aos consulentes. Ou, como são chamados hoje, usuários.

Na convivência do Diretor, de amigos também pesquisadores – deixando de citar nomes para não incidir no pecado da omissão – consultando livros raros, coleções de jomais antigos, documentos de toda espécie, consegui informações e dados, por mim cuidadosamente anotados para trabalhos que, sucessivamente, ia realizando. Sem tais informes e dados ser-me-ia impossível escrever os livros que publiquei. Dentre outros: *Povoamento Primitivo da América; Evolução histórica da língua inglesa; Maria Graham; O Padre Carapuzeiro; Caminha, Primeiro Etnógrafo do Brasil; Ulisses Pernambucano - Renovador do ensino Primário em Pernambuco; O Japonês no Nordeste Agrário; Antecipação de Pernambuco no movimento da Independência; Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro, História da Civilização, Pré-história Americana, Antropologia Cultural, Misticismo e religião. Folclore de Pernambuco.*

Trabalhando na pesquisa bibliográfica, lendo e copiando documentos, tirando fotos para melhor ilustrar idéias e opiniões, facilitando a compreensão de meu pensamento, conversando e discutindo sobre tipos diversos de assuntos, no intuito de arejar a cabeça, às vezes, ardendo de cansaço, entre companheiros e amigos, sentia-me bem. Contudo, em meio às conversas amistosas, vez por outra surgiam, inesperadamente, desentendimentos, desencontros de idéias e pontos de vista, que terminavam, às vezes, em troca de grosserias e desaforos. Era o entusiasmo na defesa de opiniões, acentuado, em certos casos, pela vaidade de jovens ou pela segurança do saber, que os mais velhos faziam questão de manter, o principal responsável por tais discussões.

Nos anos cinquenta, destaco a briga intelectual entre o escritor, sociólogo, jurista, professor da Faculdade de Direito, por mais de uma vez, seu Diretor, Luís Pinto Ferreira, e o filólogo, professor de Português e crítico literário da melhor categoria, Moacir de Albuquerque, precocemente falecido. Por serem os contendores duas figuras de reconhecida projeção no mundo cultural, não só de Pernambuco, mas do Brasil, a briga repercutiu estrondosamente nos meios literários e científicos do Recife.

Briga, que teve lugar na Biblioteca, girando em torno de assuntos literários e envolvendo a Nova Escola do Recife, que Pinto Ferreira pretendia fundar, com a colaboração de Pessoa de Morais e Gláucio Veiga, então dois jovens arrebatados intelectuais. Creio que, após a explosão momentânea, talvez irrefletida, não durou muito a reconciliação. Tais coisas não são raras entre homens inteligentes, desfazendo-se depois, em troca de desculpas. Os desafios desmanchando-se em gentilezas.

Arsênio Tavares, que foi meu professor na Faculdade de Medicina, era homem de admiráveis sentimentos. Contudo, estouvado, impulsivo, temperamental. Vivia sempre protestando. Reclamando. Sempre um revoltado. Por isto, estava constantemente se atritando não só com estranhos, mas com colegas e até amigos. Chegava a discussões violentas e, às vezes, a brigas corporais. Tais coisas não tinham ambiente escolhido. Aconteciam em qualquer lugar. Na Faculdade de Medicina, nos Hospitais, na Biblioteca Pública, que freqüentava com assiduidade. Tenho na memória, nitidamente, séria altercação, que teve início na Biblioteca, culminando no Instituto de Educação de Pernambuco. Na Diretoria da Biblioteca, com a presença de Costinha e vários amigos e consulentes, Arsênio, no momento em que se falava sobre o concurso de Latim, que se realizava no IEP, para duas cadeiras, instruído por edital único, publicado nos jornais, permitindo que uma só banca examinadora escolhesse, na base das provas, os dois melhores candidatos, Arsênio explode de raiva, revoltado contra o processo, que considerava ilegal. Para ele, dois concursos independentes deviam processar-se, instruídos por editais separados. No dia da defesa de tese, comparece ao Instituto, feito louco, protestando aos gritos, contra o que considerava uma ilegalidade. Em alto brado, disse que iria anular o concurso, mediante ação. A confusão foi grande, sendo necessário a interferência de pessoas amigas que, sensatamente, conseguiram acalmá-lo, tendo ele se afastado para evitar maiores complicações. Arsênio era assim. Homem inteligente, de extraordinária agilidade mental, cirurgião admirável, não apenas contido na Medicina, mas humanista integral, sempre lembrado do juramento hipocrático, nas caridades que fazia, não dando importância a dinheiro. Era, sem dúvida, um verdadeiro D. Quixote. Mostrava-se meu amigo, incentivando-me a continuar os estudos de Biologia, exatamente quando, em artigos diversos, na imprensa local e transcritos em jornais de outros Estados, contestava eu os argumentos da hereditariedade e sua variabilidade, conforme a teoria de Lyssenko, o biólogo russo escolhido por Stalin, para contradizer a doutrina de Mendel, considerada "reacionária" e "burguesa". A teoria lyssenkiana contava com muitos adeptos no Recife, na década de 50. Adeptos fiéis da ideologia marxista. Nos momentos de calma, conversando com o mestre da cirurgia pernambucana, eu dizia: "em geral, você tem razão nos seus protestos e reclamações; os meios, argumentos e maneiras que utiliza é que, a meu ver, são errados. Exatamente porque são violentos e agressivos, não atendendo a conveniências e oportunidades".

Algumas das discussões e brigas surgidas na Biblioteca, entre freqüentadores, consulentes ou pessoas que se deliciavam em conversas gi-

rando sobre variados assuntos, começavam nos jornais, quase sempre nos cadernos literários. No *Diário de Pernambuco*, Mauro Mota, dando impulso novo à literatura, descobrindo valores, na prosa ou na poesia. Conferindo renovado ânimo às produções literárias, fazendo voltar escritores consagrados, meio esquecidos, e atraindo novas gerações. A todos dando o sopro animador de sua liderança intelectual. No *Jornal do Commercio*, dirigido por seu redator-chefe Esmaragdo Marroquim, jornalista inteligente que dava um quarto ao diabo para ver uma discussão, de parceria com Ladjane Bandeira e Aderbal Jurema – estes, no comando, por algum tempo, do caderno literário – valorizando a colaboração de nomes prestigiados e de jovens de talento, ainda desconhecidos. Aconselhado, Esmaragdo, a não consentir a continuação da briga, que se desenvolvia nas páginas da Seção Literária, entre Gláucio Veiga e Fernando Mota, respondeu que achava tudo bom, maravilhoso espetáculo de inteligência e cultura, chegando mesmo a soprar o fogo, instigando os contendores. Tal discussão, levada para a Biblioteca Pública do Estado – pois tanto Gláucio como Fernando a freqüentavam habitualmente – graças a Deus não chegando ao desfecho de uma inimizade, embora provocando cisão no meio pessoal que comparecia à Diretoria, com desentendimento e discussão. A briga, de caráter essencialmente literário e filológico, tivera como causa o emprego de um tempo de verbo. Fernando Mota, de saudosa memória, tão cedo arrancado à vida, no auge de sua carreira de economista e sociólogo, depois de deixar o Departamento de Recursos Humanos da SUDENE, por algum tempo seu Superintendente, pondo em execução plano visando desenvolvimento econômico em Caracas, a convite do Governo venezuelano – usara, em artigo literário a forma *viemos*, com força de presente, o que foi veementemente contestado pelo ardoroso argumentador Gláucio Veiga. Inteligente, vivo, intransigente na defesa de seus pontos de vista, um tanto arrogante na demonstração de sua cultura, era Gláucio na mocidade. Hoje, na maturidade intelectual, está mais calmo, menos provocador, menos barulhento. No íntimo sempre foi excelente companheiro, pronto para colaborar em trabalhos intelectuais. Durante algum tempo andou provocando Gilberto Freyre, doido por uma polêmica. Artigos e mais artigos, violentos, agressivos, nunca respondidos. Era jovem, queria projetar-se, considerando-se pobre “homem da poeira e não do asfalto”. Um dos artigos tinha o título: “O Repasto da Gibóia”. Achava que o autor de *Casa-Grande & Senzala* dormia, tranquilamente, numa interminável sesta, sem mais nada produzir. Gilberto, em lugar de irritar-se, achava graça e silenciava. Gláucio cansou. Na época de tais artigos, em lançamento de livro na Editora Nacional, ao tempo de Waldomiro Gomes – admirável mecenas, dileto amigo, precocemente desaparecido – chéga Gilberto, no meio daquela gente toda que lá estava, colocando uma das mãos sobre o ombro de Gláucio e a outra sobre o meu, conversando com ambos, cordialmente, como se nada estivesse ocorrendo. Hoje são amigos. Tudo desapareceu. Tudo passou. Compreendem-se e vivem em boa camaradagem.

Não faz muito tempo, verdadeiro Seminário – tal o número de participantes, o entusiasmo e seriedade dos debatedores – instalou-se na Biblioteca Pública, ainda no tempo de Olímpio Costa Júnior, os debates começando nos jornais: a discussão cordial, amigável, educada, parlamentar, diplomata entre os historiadores Nilo Pereira e Andrade Lima Filho, ambos além de jornalistas, ex-pilotos partidários. Foi um duelo elegante, fidalgo, de punhos de rendas, obedecendo às mais rígorosas regras do bom-tom e do *fair-play*, travado em torno de duas figuras históricas, de projeção nos meios culturais e religiosos não só de Pernambuco, mas do Brasil: General Abreu e Lima e o Bispo Cardoso Ayres. Abreu e Lima, com projeção também sul-americana, participando, como general de Bolívar, do movimento de independência dos países ibero-americanos. O Bispo Francisco Cardoso Ayres negara sepultura, no Cemitério de Santo Amaro, ao corpo do General Abreu e Lima, por considerá-lo ateu e inimigo da Igreja, numa época em que a Instituição Religiosa estava ligada ao Estado. Com a recusa do Bispado, o corpo do velho caudilho bolivariano – embora brasileiro, apegado à gente e às coisas de sua terra – fora inumado no Cemitério dos Ingleses, na Av. Cruz Cabugá, graças a cortesia do oferecimento da diplomacia britânica.

Nilo, no *Jornal do Commercio*, defendia o Bispo; Andrade, no *Diário de Pernambuco*, o condenava. Começando nos jornais o debate, que durou meses, artigo prá lá, artigo prá cá, em admirável esgrima intelectual, criou partidos, estendendo-se à Biblioteca, onde os dois debatedores constantemente se encontravam, cada qual firme nos seus argumentos. Da contenda, no melhor nível de inteligência e de cultura, aproveitaram-se inimigos da Igreja e das idéias socialistas de liberal cristão de Abreu e Lima, distorcendo a sinceridade com que os dois historiadores argumentavam, em defesa de suas opiniões. A Biblioteca, mais uma vez, era teatro de espetáculo cultural. As raízes do diálogo jornalístico, depois enfiado em livro intitulado *O Bispo e o General*, de autoria de Nilo Pereira e Andrade Lima Filho, se prendem à célebre discussão religiosa entre o General Abreu e Lima e o Monsenhor Pinto de Campos.<sup>14</sup>

Fato estranho e desagradável estourou nos jornais de 1910, repercutindo na Biblioteca Pública. A repercussão, não apenas na Biblioteca, mas em todo o Estado e mesmo no Brasil, sendo uma decorrência da projeção intelectual dos escritores envolvidos no episódio. Tenho a impressão de que se ele não é desconhecido das gerações atuais, pelo menos, é muito pouco conhecido. Trata-se da briga desencadeada, em violentos artigos de jornal, entre o escritor e notável historiador Alfredo de Carvalho e o também escritor e político Artur Muniz.

Lendo jornais pernambucanos do começo deste século, deparei com o *affaire* Alfredo de Carvalho versus Artur Muniz.

Em 1935, pouco tempo depois de ingressar como sócio no Instituto Arqueológico de Pernambuco, conversando com Mário Melo, seu Secretário Perpétuo, na Biblioteca Pública, perguntel-lhe, intrigado com aquele furioso bate-boca nos jornais de 1910: "Você que sabe tanto sobre

gente, coisas e fatos de Pernambuco, será capaz de me dizer o motivo de tão desadorada discussão" Mário, tirando o cachimbo da boca, dando uma baforada, seguida de gostosa gargalhada, explicou: "O causador de tudo fui eu" "Como", interpele: "Os dois eram figuras importantes do Arqueológico, estando estremecidos por motivos ligados à política interna da Instituição", responde Mário Melo. Ao que acrescentei: "estremecimento, por certo, agravado pela campanha para preenchimento de vaga na Academia Pernambucana de Letras". "Publiquei", "prossigue M. Melo, "no *Correio do Recife*, nota sobre a última reunião do Arqueológico, na qual havia, segundo Alfredo de Carvalho, trecho equívoco atribuível a Artur Muniz. Daí, a "Nota ao Dr. Artur Muniz", solicitando esclarecimentos em tom não cordial, com assinatura de Alfredo de Carvalho, no *Diário de Pernambuco*, de 19 de março de 1910. A coisa era sutil, dizia Mário Melo, só entendendo os dois e mais uns poucos sócios do Arqueológico: No mesmo dia encontrei-me com Alfredo de Carvalho, na Biblioteca Pública, ainda na Praça da República, nos últimos tempos da administração Eduardo Tavares. Conversando com ele, indaguei se tinha visto a *nota*, ao que respondeu afirmativamente, não dando porém importância porque não citava nomes e era anônima". Continua Mário Melo: "Então, fazendo-me de admirado: Não sabe? Foi Artur Muniz o autor". Alfredo de Carvalho inflamou-se. Ficou queimado. Arrepiou-se. Prevenido, não oscilou em acreditar, desafiando o colega da Academia e do Arqueológico a ser claro, em artigo do dia 19 de março de 1910, no *Diário de Pernambuco*. Sem demora, no dia seguinte, 20 de março de 1910, no *Diário de Pernambuco*, o artigo "*Vincet omnia veritas*", de Artur Muniz, embora sem citar nomes, era um desabafo, com ironias, marcadas pelo grifo de palavras.

Ainda, em nota publicada no *Diário de Pernambuco*, de 22 de março de 1910, vem A. Muniz afirmando que nada tem a ver com artigos publicados na imprensa sobre "os últimos acontecimentos" do Instituto Arqueológico, sobre os mesmos nada publicando, enviando Alfredo de Carvalho à Diretoria da referida Instituição, e quanto às notícias e artigos do *Correio do Recife*, à redação deste vespertino, a fim de esclarecer-se.

No dia 23 de março de 1910, no *Diário de Pernambuco*, Alfredo de Carvalho em artigo sob o título "As Calúnias do Sr. Artur Muniz", alude à fuga ao repto lançado no *Diário de Pernambuco*, de 19 do mesmo mês, chamando-o de "covarde, pérfido e despeitado". Ainda: em meios termos, usando de eufemismos, chama o adversário de "desonesto", por ter maliciosamente tentado jogar sobre alguém o desvio de dinheiro. Alguém que, segundo Alfredo de Carvalho, seria ele, tal a insinuação feita. Em quase duas colunas, o autor de *Aventuras e Aventureiros no Brasil*, se defende das calúnias e investe, com todo o ímpeto de seu arrebatado temperamento, contra o adversário. Entre as acusações, a de ter editado o seu livro *Prehistória Sul-Americana* às custas do Instituto Arqueológico.

A verdade estava sendo capciosamente confundida. Sempre foi praxe nas revistas estrangeiras e também brasileiras, a tiragem de separatas, de quantidade variável, que o autor de trabalho, considerado de

importância, recebia, podendo fazer dos exemplares o uso que lhe conviesse. Inclusive, vendê-los. Ainda hoje é assim. Exemplos concretos são apresentados. O *Folclore Pernambucano*, de Pereira da Costa está neste caso. Publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, dela sendo retiradas 250 separatas e entregues ao autor para deles fazer o uso que quisesse. Foi o que aconteceu com a *Imprensa Baiana*, inserida na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, fora outros trabalhos publicados em diversas revistas, tendo como autor o próprio Alfredo de Carvalho. Acrescenta, o autor da *Biblioteca Exótico-Brasileira*: "No Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano esta praxe é autorizada desde 1890". Alfredo de Carvalho foi um dos historiadores mais lúcidos que Pernambuco já teve, na primeira década do século atual, com grande antecipação utilizando na interpretação dos fatos históricos, critério sociológico.

O Sr. Artur Muniz, em 24 de março do mesmo ano, no *Diário de Pernambuco*, em artigo "Ao Dr. Alfredo de Carvalho", responde ao seu contendor, continuando a insultá-lo. Em ambos os artigos, os dois inimigos entram num duelo de ofensas, insultos e ameaças, francamente incompatíveis com os princípios da ética que deviam nortear homens de tão alto nível intelectual.

Em artigo intitulado "As calúnias do Sr. Artur Muniz", no *Diário de Pernambuco*, do dia 27 de março do mesmo ano, Alfredo de Carvalho apela para algumas pessoas de projeção no cenário cultural de Pernambuco, no sentido de fazer declarações sobre acusações, abalando sua idoneidade intelectual. Uma delas: o livro *Anais da Imprensa Periódica de Pernambuco* não era dele, sendo um plágio de manuscritos de Santana Araújo, que possuía preciosa coleção de jomais do século passado. Outro: ele não sabia holandês, tendo suas traduções de livros flamengos sido feitas pelo polaco Alfredo Schonowsky. Da carta circular, enviada a várias pessoas, recebeu as seguintes respostas, aqui resumidas: De Afrégio Garcia: "há tempos, Artur Muniz me assegurou ter ouvido Sant'Ana Araújo afirmar ser de sua lavra o teu livro *Anais da Imprensa Pernambucana*". Em seguida: "nunca te relatei aquele fato, porque, além de não o considerar merecedor de importância, tal a inanidade da arguição, sempre foi propósito meu, inúmeras vezes manifestado, evitar um rompimento de relações entre dois amigos de muitos anos". De Augusto Rodrigues, destaque: "Artur Muniz, no meu consultório, em presença de Trajano Chacon, afirmou que as suas produções literárias não eram de sua lavra e que você caloteava os indivíduos que escreviam seus livros, assim fazendo com os Srs. Alfredo Schonowsky e Manoel José de Sant'Ana Araújo. Tal afirmativa produziu no meu espírito efeito contrário ao que esperava Artur Muniz, querendo deprimi-lo. Pois, achei ridículo o processo, a não ser que ele me julgasse um imbecil. Lamento que estivesse empenhado em luta tão estéril, julgando-o acima das calúnias com que o tentam ferir". De Rodolfo Garcia: ". . . por amor à verdade, há cerca de dois anos ouvi de Artur Muniz que Sant'Ana Araújo se dizia autor dos *Anais da Im-*

prensa. . . "achei o fato apenas risível, atribuindo-lhe tão pouca importância que jamais lhe falei a respeito". De João Severino Correia da Cunha, recebe resposta idêntica, convindo salientar: "nenhum obséquio lhe presto fazendo a justiça de declarar jamais acreditei em semelhante leviandade. . .". Da declaração importante de Sant'Ana Araújo, vale a pena pôr em foco: ". . . cumpre-me declarar que labora em perfeito exagero o informante quanto à parte a mim referente". "É exato que quando tratastes de organizar o vosso livro *Anais da Imprensa Periódica de Pernambuco*, eu vos cedi minhas coleções a fim de as consultardes, mas não me oferecestes remuneração alguma, nem eu nada vos pedi, porque seria até esdrúxulo aceitar qualquer dádiva, quando a oferta foi espontânea da minha parte e o fim era o engrandecimento de nossa terra".

A polêmica continuou, com o artigo de Artur Muniz, no *Diário de Pernambuco*, no dia 27 de março de 1910: *Res non Verba. As infelicidades do Sr. Alfredo de Carvalho*. Neste artigo, Muniz ameaça com a declaração do polaco Schonowsky, solicitando de amigos resposta às cartas remetidas. As de Otávio Hamilton e de Luis José da Silva confirmam que o polaco dissera serem suas as traduções do holandês de Alfredo de Carvalho. Contudo, diz Hamilton: "não dei o menor crédito, por motivos que julgo desnecessário aduzir neste momento". A resposta de Mário Freyre foi no seguinte teor: "ouvi do Sr. Sant'Ana Araújo, na calçada da Igreja de Santa Cruz - "Que todo o material usado pelo Sr. Dr. Alfredo de Carvalho para confecção dos *Anais da Imprensa* era dele, Sant'Ana Araújo; e mais que o próprio Sr. Dr. Alfredo de Carvalho o obrigara a pagar os excessos das despesas de gás durante as noites em que aquele doutor, copiava o material da referida obra". Mário Melo respondeu nos seguintes termos: "A mim próprio, várias vezes, o nosso amigo comum, Sant'Ana Araújo, disse que o material do livro do Sr. Alfredo de Carvalho, *Anais da Imprensa*, fora de sua coleção", referindo-se ainda às despesas do gás. Com isenção de ânimo, interpretando as razões dos dois lados, não encontro justificativa segura para as acusações de Artur Muniz. Ao Sr. Dr. Alfredo de Carvalho, artigo saído em 28 de março de 1910, de Regueira Costa, traz mais lenha para a fogueira, por demais acesa, entre os dois ferozes polemistas.

É impossível medir ou avaliar, em termos seguros, o mérito e importância da Biblioteca Pública, em vigilante assistência, no desenvolvimento cultural de Pernambuco. Os mais prestigiados escritores que, em livros idôneos, falaram sobre Pernambuco, em seus mais diversos aspectos, tiveram de socorrer-se da Biblioteca Pública, por algum tempo considerada a segunda do Brasil, a primeira sendo a Nacional.

Figura de máximo realce, de presença assídua e pontual na Biblioteca Pública, não deve ser esquecida: a de Manoel Bandeira, o pintor. Freqüentador e amigo de Costinha. Talvez, seu maior e inseparável amigo. Obrigatoriamente, assinava o "ponto" na hora de saída, acompanhando Olímpio, com ele caminhando a pé, parando aqui, parando acolá, quase sempre em livrarias. Encontrei-os várias vezes, à noitinha, na Livraria

Imperatriz, no tempo do velho Jacob Berenstein. Um erudito livreiro. Como bom judeu, grande conhecedor da história dos israelitas, na época, espalhados pelo mundo, sem unidade política, mas solidamente ligados por vínculos de religião. O povo se conservando coerentemente unificado pela endogamia de base religiosa.

Lá na Biblioteca, Manoel Bandeira, que sempre viveu no Recife, de raízes inarredavelmente telúricas, recebia dos escritores, em geral, historiadores e sociólogos, em particular, o pedido de colaboração para as suas obras. Lá é que acertavam as ilustrações, aquelas que mais pudessem documentar opiniões e modos-de-ver. Grandes obras de História, Geografia e Sociologia de Pernambuco, estão enriquecidas com os seus bicos-de-pena. Entre outras, *Anais Pernambucanos*, seu último volume, o décimo, saindo em 1966, através do Arquivo Público, tendo à frente o saudoso amigo, escritor Jordão Emerenciano. Seu primeiro volume, publicado em 1951, quando se comemorava o centenário de nascimento do incansável historiador. Também, obras de Gilberto Freyre, não se podendo omitir o *Livro Comemorativo do Centenário do Diário de Pernambuco*, sob sua direção, publicado em 1925. Livro que merece destaque, ilustrado por Manoel Bandeira, é a tese de Geografia, do escritor Mauro Mota: *O Cajueiro Nordestino*. Ainda, os muitos livros sobre figuras e fatos ligados à presença holandesa em Pernambuco, do historiador José Antônio Gonsalves de Mello. Não seria possível enumerar todos os livros sobre Pernambuco, ilustrados pelos desenhos de Manoel Bandeira. Com seu admirável bico-de-pena, Manoel Bandeira dava mais vida e mais autenticidade a fatos sociais, em particular, de modo genérico, a aspectos culturais de Pernambuco. Foi, sem dúvida, um grande evocador visual de flagrantes de ruas, de praças, com suas igrejas antigas, de subúrbios e arbalades, com suas históricas e artísticas mansões seculares. Graças a ele se preservou a memória visual de pessoas, coisas e acontecimentos de um Recife ou de um Pernambuco que já não existem. Pintor que compunha a equipe de amigos e admiradores da Biblioteca, colaborando com sua arte para valorizar obras de escritores pernambucanos, era o também conhecido pintor Elezzer Xavier. Outro que não deve ser esquecido: Baltazar da Câmara que, desde a 2ª década do século atual, comparecia à Biblioteca, de sua arte se servindo os escritores. Por volta de 1915, ilustrava o livro *Hino à mulher*, de Olímpio Galvão, outro escritor que, igualmente, se aproveitava da Biblioteca Pública para obter informes e documentos para seus livros de prosa. A mesma coisa acontecendo com Vicente do Rego Monteiro, pintor de excepcional talento, de formação intelectual fortemente impregnada da França, onde viveu parte da vida. Tive a honra de ter livros meus enriquecidos com ilustrações dos dois últimos pintores.<sup>15</sup>

Notável contribuição cultural da Biblioteca Pública de Pernambuco foi a reedição fac-similar, em 1925, do primeiro número do *Diário de Pernambuco*, comemorando o centenário do prestigiado jornal – o mais antigo em circulação na América Latina – sob a Direção de Humberto Car-

neiro. Escreve, na presente reedição, Alfredo de Carvalho: "a mais completa delas (refere-se às coleções do *Diário*), ainda assim falha de alguns dos primeiros anos, é a da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco". Nesta mesma publicação, a título documental, aparecem fac-símiles de outros números, em anos diferentes.

Em 1940, sob o patrocínio da Biblioteca, é publicada a reedição de *Inventário* (das armas e petrechos bélicos que os holandeses deixaram em Pernambuco e dos prédios edificadas ou reparados até 1654), na Direção de José Maria Carneiro de Albuquerque Melo. Havia, organizado por este Diretor, assessorado por Olímpio Costa Júnior, que o substituiu ao tempo em que estava como Secretário de Estado, grandioso plano de publicação da documentação histórica pernambucana. A primeira publicação seria, depois de *Inventário*, a de *Anais Pernambucanos*, de Pereira da Costa, só em 1951 saindo o primeiro volume.

Em seguida, viriam *Sesmarias*, em quatro volumes. Destes, três foram publicados, o 1º em 1954, o 2º em 1955 e o 4º em 1959, não saindo o terceiro. A publicação de *Sesmarias*, mesmo faltando um volume, e possivelmente, outros, tal o acervo de material que existia, constitui notável contribuição para o estudo da história territorial de Pernambuco e outras áreas nordestinas. Causa estranheza que não conste da explicação – embora sem título – que antecede à documentação, o nome de Olímpio Costa Júnior, como Diretor. Não é fora de propósito homenagear o pessoal da Biblioteca Pública que se encarregou da difícil revisão da obra: "Maria Corsino Porto de Figueiredo, Arquivista, e Jovina Maria Pinheiro Pereira, Conservador, que se encarregou de reformular o antigo *Catálogo da Biblioteca – Catálogo dos Livros Pertencentes à Biblioteca Provincial de Pernambuco, 1854* – organizado por Manuel Rodrigues do Passo", segundo informa Gláucio Veiga. Na verdade, o trabalho de Bijou Faneca pode ser considerado como o primeiro catálogo da Biblioteca Pública, tais as normas e regras – numa época em que a Biblioteconomia praticamente não existia – servindo de orientação à procura de livros e autores. Diga-se, de passagem, Jovina ainda chegou, mais tarde, a realizar parte do curso universitário de Biblioteconomia.

Gláucio Veiga revelou-se estudioso sério, pesquisador honesto, fazendo o levantamento das edições de Camões pertencentes à Biblioteca de Pernambuco, além da análise crítica, feita com argúcia e inteligência. Entre as edições estudadas, constam não só as de língua portuguesa, mas as de línguas inglesa, francesa, espanhola, italiana e alemã. Trata-se de magnífica síntese, analisada e interpretada por pesquisador idôneo<sup>16</sup>. Como copista, colaborou o auxiliar interino, Rivadávia Olímpio Rocha. Nos volumes 2º e 4º de *Sesmarias* colaboraram os mesmos funcionários e mais João Washington de Mendonça Filho, a organização contando com a orientação do escritor Gláucio Veiga, sem outro interesse que o de servir à *Biblioteca*. Amigo sempre pronto a dar sua colaboração às iniciativas que tentassem engrandecer a Instituição.

É pena ter a Biblioteca continuado sem condições para reeditar ou publicar em primeira mão o resto da documentação histórica pernambucana.

cana, valiosíssima para quem se dedica à pesquisa da vida passada de nosso estado. É o caso de apelar para os órgãos de Cultura do Estado no sentido de prosseguir na publicação da documentação ainda virgem que se encontra à espera de patrocinadores. O escritor Mauro Mota, na direção do Arquivo Público Estadual, onde ficou parte da documentação – especialmente, manuscritos, coleções de jornais antigos e edições de obras inteiramente esgotadas – revelando seu interesse por coisas, gentes e acontecimentos de importância para a restauração histórico-social de Pernambuco, com inteligência dinâmica e criativa, reedita trabalhos, hoje inacessíveis pela raridade.

No decorrer de sua existência, a Biblioteca Pública, como Instituição de Cultura, à maneira das pessoas, teve seus altos e baixos. Momentos de glória e momentos de decepção. De alegria e de tristeza. Eduardo Tavares esteve na direção da Biblioteca Pública do Estado, de 05 de junho de 1899 a fins de 1911. Quase 13 anos. Foi uma administração laboriosa, dinâmica e fecunda. Nesse tempo, a Biblioteca, como sempre, quase sem verbas para aquisição de livros, conseguia, em constante correspondência com instituições culturais e universitárias estrangeiras, principalmente bibliotecas, a doação de livros, em troca de pequenas brochuras, representando mensagens, relatórios e programas de ensino, sempre bem aceitos pelas instituições de outros países. Apossando-se Dantas Barreto do Governo de Pernambuco, é Estácio Coimbra, Governador substituto, afastado e Eduardo Tavares demitido. Vivendo para a Biblioteca, com a maior dedicação, tentando torná-la órgão atuante de cultura, a sua demissão deve ter constituído para a sociedade recifense, embora confiante nas promessas do “salvadorismo” dantista, motivo de tristeza.

Escreve Eduardo Tavares, suspeito para falar, mas, de qualquer forma, dizendo uma verdade triste que não se podia negar: “O Marechal Dantas Barreto aniquilou meu trabalho de 13 anos”. “O seu primeiro ato contra a Biblioteca foi retirá-la do 1º andar do edifício onde ela funcionava havia muitos anos, em espaço amplo, claro, arejado, limpo, com duas magníficas salas de leitura, para o andar térreo, úmido, infecto, escuro, outrora corpo da guarda municipal, compartimento de aferição de pesos e medidas, e depósito de ferramentas e objetos de jardinagem”. Eduardo Tavares, mais tarde, voltando à Direção no Governo de Estácio Coimbra, de 1926 a 1930, devolveu à Biblioteca seu antigo prestígio, tendo a iniciativa de publicar obras inéditas de Alfredo de Carvalho: *Biblioteca Exótica-Brasileira*, em três volumes, e *Aventuras e Aventureiros no Brasil*. Ambas em 1929. Na segunda obra, numa espécie de vingança, há um capítulo, sob o título “Uma noite em Corinto” publicado em abril de 1916, na Revista *Heliópolis*. É uma sátira ao General-Governador de Pernambuco, em 1911.

Em 1925, quando assumiu a Direção o Dr. Humberto Carneiro, homem reconhecidamente culto, amigo dos livros, tendo como 1º Secretário o prestigiado escritor e jornalista Dr. João Eustáquio Pereira, conhecido nas rodas literárias por Dr. Faneca, a Biblioteca parece ter tomado

novo alento. Durante quase 15 anos, ficou a Biblioteca de mão em mão, ora tendo como Diretor um homem inteligente, mas desinteressado, apenas passando uma chuva, à espera de coisa melhor, ora de pessoa que podia entender de outras coisas, mas nada ou quase nada sabia de livros. Como se vê, momentos de glórias e momentos de adversidades.

Quando o Governo pretendeu construir prédio novo para a Biblioteca, acomodando-a em melhores instalações, o então Diretor, Dr. Olímpio Costa Júnior, altivamente coerente com seus pontos de vista e seus princípios, talvez, prevenindo-se contra prováveis aborrecimentos, tomou a irrevogável decisão de aposentar-se. Sei que houve troca de cartas. Na sua, estavam as razões da decisão: discordava fundamentalmente da orientação dada à construção do novo prédio, ficando marginalizado, sem direito sequer de ser ouvido. A Biblioteca ficou desamparada. Nesta ocasião, atendendo a insistentes pedidos do Governo, através da Secretaria de Educação e Cultura, assume Orlando Parahym a Direção do órgão que se encontrava em situação crítica. Sei que houve descontentamentos. Desentendimentos. Orlando Parahym, como Olímpio Costa Júnior, não era um técnico. Mas, era um escritor. Um humanista, além de médico e professor universitário. Um homem que não só conhecia de livros, mas os dignificava e amava. Isto pode não ser tudo, mas representa alguma coisa de importante para quem vai dirigir uma biblioteca. Além do mais não ia ficar em caráter definitivo. Era bem intencionado e queria pôr ordem numa Instituição que ficara acéfala. Não sei se estou certo. Não sei se por trás do pano-de-boca, nos bastidores, escondem-se outras verdades. Apenas, digo o que consegui apurar nesta fase de transição, que trouxe, para a Biblioteca, dismantelo e prejuízo. Considero Orlando Parahym um homem de bem. Na meninice, fizemos amizade na sua casa da Rua do Riachuelo, esquina com a Gervásio Pires, onde seu pai — grande entendido, tanto da arte fotográfica como da cinematográfica — passava filmes para os amigos e colegas do filho. Sempre um estudioso. Como pesquisador literário e científico, sempre à cata de livros e documentos, além do conhecimento adquirido em contato direto com as realidades que constituem seu universo de estudo.

Num dos momentos de frustração e sofrimento na história da Biblioteca Pública de Pernambuco, não posso esquecer triste ocorrência que testemunhei, por acaso estando presente: a transferência dos livros, do prédio antigo, onde hoje se instala o Arquivo Público, para o novo, onde funciona a Biblioteca Pública Castelo Branco. O que presenciei deu-me a impressão de um cataclisma que se abate sobre cidade rica de monumentos históricos e artísticos, representando cultura acumulada em séculos. Soldados descendo de caminhões, agarrando atabalhoadamente livros, que se desfolhavam, que se rasgavam, que se extraviavam, caindo rua a fora. Mais pareciam caminhões de lixo, na pressa dos encarregados em coletá-lo. Assisti perplexo. Atônito. Sem acreditar no que estava vendo. Triste, como se estivesse assistindo a trucidamento de gente. Orlando Parahym, que estava presente, ficou atordoado. Senti que não esperava

tal ato de barbárie. Aquilo não era uma mudança. Era uma *razzia*. As bibliotecas de França Pereira, Ribeiro de Brito, Aníbal Freire, e Joaquim Amazonas, que funcionavam à parte, cada qual constituindo uma especialidade, em estantes separadas foram estupidamente despejadas. Livros misturados, numa balbúrdia de fazer dó. A pressa parecia fator importante.

Afinal, o temporal passou. Depois, como sempre, veio a bonança. À equipe de competentes bibliotecárias vem cabendo o trabalho, não apenas de reorganizar, mas de fazer funcionar a tradicional Biblioteca, dando-lhe destaque, atraindo leitores de vários níveis, inclusive criando uma biblioteca dedicada a crianças. Ao lado disto, promovendo cursos e conferências. Para tal, em 1976, a Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco implantou o Sistema de Bibliotecas de Pernambuco, baseado em documento elaborado por Myriam Gusmão de Martins, atuando como Assessora de Biblioteconomia no Instituto Nacional do Livro (INL), em 1972. O documento-projeto teve apoio da UNESCO e de organismos financeiros internacionais sem falar nos nacionais. Como INL, SUDENE, MOBRAF. A Bibliotecária Margarida Maria Matheus de Lima, então Diretora da Biblioteca Castelo Branco, convidada pelo INL, apresentou na V Bienal Internacional do Livro, em agosto de 1978, São Paulo, trabalho sobre o referido Sistema.<sup>17</sup> Com o bem elaborado Sistema de Bibliotecas de Pernambuco, será possível ampliar a dinâmica da Biblioteca Pública Estadual, enriquecendo o acervo de livros e com novos métodos de ensino, alargando os horizontes dos seus préstimos culturais. Compreendendo os fins de tal Instituição, não deve o Governo omitir-se ou ser parco nos auxílios materiais. Acredito que, dando-lhe assistência, não só técnica, mas financeira, é possível que a Biblioteca, não apenas mantenha a tradição de cultura, de saber, de ensino, mas renovando métodos de trabalho, criando ou recriando critérios e práticas de ensino, consiga estimular e facilitar a utilização do seu poder educacional, por meio do sistema adotado. Tradição de saber, de ensino, de cultura sempre conservada, mesmo nos momentos de desalento, com os benefícios que a ciência e a técnica hoje proporcionam, jamais deixará de ser o lema da Biblioteca Pública de Pernambuco. Da hoje Biblioteca Presidente Castelo Branco. Entre várias de suas realizações, destacuem-se: exposições, conferências, concursos, filmes, teatro, música, lançamentos e feiras de livros ou de selos, cursos, exibições folclóricas. Tudo isso conferindo-lhe dinamidade e vitalidade cultural. Para tal, contando com a colaboração de Instituições e pessoas, umas e outras interessadas nas atividades de tão importante órgão, ao mesmo tempo de ensino e cultura.

Novo enfoque, impregnado de humanidade e de sentido cultural, compreende a Seção Circulante, com empréstimo domiciliar, contando com 7.500 volumes, a motivação para crianças, com livros infantis apropriados, prestando-se à recreação e à pesquisa. Iniciativa emocionante e digna de admiração é a leitura para cegos, segundo o processo Braille. Deficientes, outrora marginalizados, eles próprios se conformando com

a inutilidade, hoje recuperados, válidos, integrados no convívio social como gente, tão importantes como qualquer pessoa, produzindo e sendo útil à cultura e desenvolvimento do seu país.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

1. In *Perfil de Euclides e outros perfis*; Rio, José Olympio Editora. 1944.
2. Traduzida para o português por Waldemar Valente. Recife: Ed. Mousinho Artefatos de Papel Ltda. 1964.
3. *Livro do Nordeste*, (1825–1925). Recife, 07 de novembro de 1925. Pernambuco, Brasil. Oficinas do *Diário de Pernambuco*. Em 1975, por ocasião do sesquicentenário do *Diário de Pernambuco*, foi feita uma 2ª edição. “Vida Social no Nordeste” e “A Pintura no Nordeste”, são os dois ensaios de Gilberto Freyre que, juntando-se à tese da Universidade de Colúmbia, formaram o núcleo de *Casa-Grande & Senzala*.
4. *The American Language*. New York, Ed Knopf, 1947.
5. De documentos e livros da Biblioteca Pública se utilizou o autor de *Casa-Grande & Senzala*. No “Prefácio”, há um agradecimento que revela a colaboração que lhe deu a Biblioteca. Como prova de que os grandes eventos culturais, de Pernambuco e do Brasil, repercutiam na Instituição Cultural da Rua do Imperador, no local onde funcionara a antiga cadeia, não é fora de propósito lembrar o que ocorrera com o ensaio de Gilberto Freyre. Em começos de 1934, coincidentemente, encontravam-se na Diretoria da Biblioteca, além de Olympio Costa Júnior, Gilberto Freyre, José Maria de Albuquerque Melo, especialista em História da Arte, conhecido pelo radicalismo católico, intransigentemente obediente às normas e prescrições da Igreja, Manuel Lubambo, jovem inteligente, de invejável cultura, Secretário da Fazenda do Interventor Agamenon Magalhães, integralista até a medula – o Integralismo não passando de um disfarce cristão-brasileiro do fascismo italiano, com seus três grandes teóricos: Plínio Salgado, Miguel Realte e Gustavo Barroso – mais umas duas ou três pessoas, inclusive eu o Diretor de *Fronteiras*, folheando exemplar recém-chegado de *Casa-Grande & Senzala*, revolta-se furiosamente contra a referência a velho costume de fazer sério juramento. Para o cristão ortodoxo da têmpera do Diretor do jornal integralista *Fronteiras*, o sacrilégio era imperdoável. José Maria que, em outro momento, na sua intimidade com Gilberto, chamou-lhe a atenção para o que considerou imoralidade – numa planta de enfoque sociológico, na qual se vêem, em detalhes, *Casa-Grande*, *Capela* e *Senzala*, revelando costumes e hábitos da vida patriarcal, de economia escravocrata, do Brasil, principalmente nordestino, do século XIX, no fundo do sítio

menino fornicando uma cabra – baixou a cabeça, o autor do ensaio constrangido, contrafeito, testemunha silenciosa, não querendo reforçar a revolta do companheiro de ideologia política e de religião contra o amigo, embora com este também não concordando.

À crítica de José Maria, Gilberto Freyre respondeu dizendo que seu ensaio contava a história social brasileira, da planta se valendo para documentar o pormenor referido, geralmente presente no despertar sexual dos meninos. Quanto ao pretenso sacrilégio, Gilberto Freyre mostrava que as palavras não eram suas, que faziam parte do código popular de juramento, em vigor no regime patriarcal e escravocrata.

6. Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, conhecido pela alcunha de Padre Carapuzeiro, porque, sozinho, dirigia e redigia, na primeira metade do século XIX, o jornal *O Carapuzeiro*, nele fazendo política e, sobretudo, crítica de costumes. Suas críticas, à maneira de carapucas, assentavam tão bem em certas cabeças, parecendo feitas sob medida. Seu jornal circulou de 1832 a 1842, com interrupções.
7. In. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.
8. *Navio Negroiro*, de Castro Alves, é poema heróico, dramático, um tanto trágico, que muito influenciou na formação intelectual do ainda quase menino. Foi a partir daí que comecei a conscientizar-me das misérias da escravidão negra. Embora, extinto o cativo em 13 de maio de 1888, em trabalho assalariado o escravo negro passou a viver em piores condições. Tal sistema de trabalho, infelizmente, ainda hoje perdura, obrigando operários ou camponeses a viver em situação sub-humana, o manto de uma encabulada democracia acobertando a persistente escravidão. Escravidão que não tortura somente negros e mulatos. Também brancos. Negam-se preconceitos de cor e discriminações raciais que ainda se conservam em quase todo o mundo, inclusive no Brasil – é de revoltar que, em nosso país pretos, brancos e mestiços de todos os matizes sofram o peso de uma escravidão econômica e social, atados a um regime de trabalho e de vida montado em estruturas arcaicas, anacrônicas e odientas.

Ainda guardo de memória, pela primeira vez lida na Biblioteca Pública de Pernambuco, a seguinte passagem de Castro Alves: "Legiões de homens negros como a noite, / Horrendos a dançar, / E ri-se a orquestra irônica e estridente, / Da ronda fantástica, a serpente/ Faz doidas espirais. / Qual num sonho dantesco as sombras voam, / Gritos, ais, maldições, preces ressoam.

Era o "arejamento da carniça", no dizer dos senhores escravocratas. Dos porões infectos dos "túmbeiros", à custa de chicote, escravos exaustos, em estado de inanição, pele e osso, castigados pelo "banzo", sendo forçados a dançar e pular no convés, para desentreviar, causando boa impressão e, portanto, justificando melhores preços, no comércio de peças humanas.

9. *Dores do Mundo* é uma condensação, em língua portuguesa, de suas

obras completas, aparecidas em Leipsig (1873-1874), em seis (6) volumes.

10. Em *Palavras Cfnicas*, o autor tenta imitar, em linguagem acessível ao grande público, o ceticismo e o pessimismo do filósofo de Dantzig. Ao que parece, não punha em prática as idéias, baseadas na revolta, que pregava. Bom pai, bom marido, bom filho, bom amigo, na realidade da vida, revelava-se em aberta contradição com as "cfnicas palavras" apregoadas no livro muito divulgado entre os jovens de fala portuguesa. Consta que, em momento de arrependimento, pediu que não reeditassem *Palavras Cfnicas* e outros livros seguindo a linha filosófica pessimista. Utilizando o sensacionalismo e o escândalo escreveu-os com o propósito de ganhar dinheiro, mesmo não concordando com seus princípios e idéias. Redimindo-se do pecado de ter feito tanto mal à juventude, escreveu monumental obra, intitulada: *História da Literatura Portuguesa*. Obra séria, de pesquisa, além de bem escrita, merecendo elogios da crítica idônea dos centros universitários e dos meios mais cultos do mundo.
11. Inscrevem-se para os dois quando no Ginário Pernambucano: em 1929 e em 1930, respectivamente, para a docência-livre de inglês - *Chaucer na Língua e na Literatura Inglesa* - e para a cátedra de Literatura Portuguesa, *Romantismo*. A inscrição para o segundo concurso foi anulada, com a extinção da disciplina. O primeiro foi realizado, com brilhantismo, obtendo o candidato, unanimemente, distinção. Em 1936, concorrendo com Aurino Maciel, Adalberto Marroquim e Jorge Galvão de Oliveira, professores e intelectuais da melhor categoria, conquistou a cátedra de Português na Escola Normal Oficial de Pernambuco.  
Em todos seus trabalhos, socorreu-se Aníbal Bruno da Biblioteca Pública de Pernambuco. A mesma coisa ocorrendo com os seus competidores.
12. Entre elas: *A Igreja na Idade Média*.
13. Da Biblioteca Pública, onde passava boa parte de seu tempo, utilizou-se Pereira da Costa para recolher dados e informes para seus trabalhos. Não só de livros, mas de manuscritos e jornais antigos. A mesma coisa fazendo no Instituto Arqueológico Pernambucano, comparecendo às suas reuniões e, em outros momentos, cascavilhando sua Biblioteca e seu Arquivo.
14. *As Bíblias Falsificadas* (com o pseudônimo de *Cristão Velho*) e *O Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos* são livros publicados pelo General Abreu e Lima, no Recife, em 1867. Do Monsenhor Pinto de Campos são os livros: *Polêmica Religiosa ou Resposta aos Escritos Anti-Católicos do Sr. General Abreu e Lima e Polêmica Religiosa - Refutação ao Ímpio Opúsculo que tem por título o Deus dos Judeus e o Deus dos Cristãos, sob o pseudônimo de Cristão Velho*. Ambos publicados no Recife. O primeiro, em 1867, o segundo, em 1868.

15. De Baltazar da Câmara: *Povoamento Primitivo da América*. Tese de concurso para a Cadeira de História da Civilização, no Ginásio Pernambucano. Recife, 1939. De Vicente do Rego Monteiro: *Caminha – Primeiro Etnógrafo do Brasil*, Edição da Casa do Estudante de Pernambuco: Iniciativa do seu Diretor, o então universitário e hoje renomado escritor Potiguar Matos. Recife, 1944.
16. Refiro-me ao admirável ensaio *A Camoneana da Biblioteca*. Coleção Cadernos da Província. Recife, Editora Nordeste, 1952. Iniciativa da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Pernambuco então dirigida pelo Prof. Duarte Dias, a seqüência dos Cadernos ficando sob a responsabilidade da Secretaria de Educação, ao tempo do titular Aderbal Jurema. A Publicação, coincidindo com o centenário da Biblioteca, mostra o interesse de Gláucio Veiga pela Instituição Cultural e o propósito de homenageá-la.
17. Ver: *Sistema de Bibliotecas de Pernambuco*, de Margarida Maria de Andrade Matheus de Lima. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1976. Neste opúsculo, após introdução explicativa, o Sistema implantado em Pernambuco é apresentado nos seus diversos aspectos: objetivos, localização, estrutura, desenvolvimento das atividades (treinamento de pessoal, carros-biblioteca, Projeto de Cursos de Treinamento Intensivo para Auxiliares de Biblioteca – PROTIAB – avaliação e conclusão). Ainda da mesma autora: "Sistema de Bibliotecas de Pernambuco", in *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, vol. 07, nº 02, julho-dezembro de 1979, Brasília. Por estes dois relatos, acompanha-se o desenvolvimento promissor do Sistema, em Pernambuco, inclusive apresentando os resultados. Estes revelam, além do bom êxito obtido em certos aspectos, a possibilidade de correção de falhas iniciais inevitáveis. Diz a autora: "ao lado do desafio de uma grande carência de recursos, um enorme vazio cultural a preencher". Na verdade, com o *Sistema Integrado de bibliotecas* pôde Margarida Matheus de Lima interiorizar a cultura. Vários foram os municípios pernambucanos beneficiados com os cursos de treinamento intensivo para auxiliares de *Bibliotecas*. Obra indispensável para o conhecimento do aludido Sistema é o *Manual do Sistema de Bibliotecas de Pernambuco*, Recife, 1979. O texto foi elaborado pelas bibliotecárias Glayde Costa Vitor, Margarida Maria de Andrade Matheus de Lima e Valquíria Lavareda Ribeiro de Lima, contando com a colaboração das também bibliotecárias Laís Galvão Cavalcanti Laureano e Maria Alves de Albuquerque, da Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco, tendo como colaboradora especial Lúcia Maria Andrade Nunes da Silva. O *Manual* pretende levar aos integrantes do Sistema elementos que visam uniformizar e simplificar os serviços. O Sistema tendo por filosofia fazer das Bibliotecas "entidades indispensáveis ao desenvolvimento educacional e cultural do país".